

Prefácio

Fazendo história

Cecília M. B. Coimbra

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COIMBRA, CM. Prefácio: fazendo história. In JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and RODRIGUES, HBC., orgs. *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. VI-X. ISBN: 978-85-7982-061-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PREFÁCIO

FAZENDO HISTÓRIA

Cecília M. B. Coimbra

A transformação do conceito de história —que migrou dos grandes feitos e fatos fundamentais, dos heróis e santos, dos seres ‘notáveis’ para junto deles colocaram-se os cidadãos comuns e os acontecimentos do cotidiano— resultou também em uma modificação do papel dos intelectuais.

José Carlos Sebe Bom Meihy

Este pequeno trecho que ilustra um pouco a concepção da chamada História Oral nos remete não só para a existência mas, fundamentalmente, para a importância que os múltiplos e diferentes atravessamentos históricos têm em nossas práticas cotidianas. Atravessamentos que, em nosso mundo *psi*, têm sido enfática e sistematicamente negados, ignorados e não percebidos como constituindo e produzindo nossas vidas.

Assim, a história das práticas *psi* em nosso país aponta para a seguinte questão: por que os atravessamentos históricos têm sido negados, desqualificados, ignorados? É como se tais práticas, por sua *pureza*, estivessem acima das *coisas terrenas*, não podendo com elas se misturar.

Em um passado recente, nos anos 60 e 70, quando se verificou o *boom* das práticas *psi* no Brasil, notadamente nos grandes centros urbanos, elas nos foram apresentadas para *consumo* como *coisas em si*, como objetos que, por terem uma determinada natureza, estariam imunes aos múltiplos e variados acontecimentos que marcavam a nossa história. Em nome da *pureza* da *verdadeira* prática *psi* negava-se peremptoriamente quaisquer atravessamentos históricos que pudessem contaminar, macular, os *puros*,

verdadeiros, universais e eternos objetos *psi* com os quais trabalhávamos. Se hoje essa negação não se faz mais tão enfática e/ou sistematicamente como antes, sem dúvida permanece, hegemonicamente, no território *psi*, o desprezo por aqueles que tentam fazer outras leituras, diferentes das oficiais, incorporando dimensões históricas em suas análises. Esse desprezo tem se traduzido pela afirmação de que tais pessoas não são profissionais *psi*; podem ser historiadores, sociólogos, cientistas políticos, mas não psicólogos, psiquiatras ou psicanalistas.

Daí minha satisfação e mesmo prazer —apesar de fazê-lo em plenas férias— em prefaciá-lo este livro: uma coletânea de textos apresentados no II Encontro Clio-Psyché, realizado em 1999, na UERJ. A novidade, e mesmo a força, desses diferentes trabalhos é ter como fio condutor a história, e isto se encontra muito bem expresso no título *Clio-Psyché Hoje —fazeres e dizeres psi na história do Brasil*.

Majoritariamente os artigos aqui presentes resgatam o que foi anunciado na epígrafe inicial: não uma determinada concepção oficial e dominante de história, mas visões sempre esquecidas, forjadas pelas práticas de diferentes segmentos e movimentos sociais, em suas lutas, em seu cotidiano, em suas resistências e teimosias.

Esta história, de um modo geral, atravessa os diversos trabalhos aqui apresentados: uma história onde os diferentes segmentos da população não são meros espectadores dos fatos, mas sim participantes, produtores dos acontecimentos. Uma história onde as subjetividades dominantes —apesar do seu poderio e das suas tentativas— não conseguem silenciar e ocultar a produção de espaços singulares, de práticas diversas, diferentes e múltiplas.

Walter Benjamin (1985: 223) a isto se referia quando falava que:

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado (...), pois nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido pela história.

Ou seja, a memória histórica dominante e *oficial* tem sido, sem dúvida, um lado perverso de nossa história, pois foi produzida pelas práticas hegemônicas no sentido de apagar os vestígios que os diferentes segmentos, e mesmo os considerados opositores, vão deixando ao longo de suas experiências cotidianas de vida, de resistência, de luta. Esta história “oficial” tem se esforçado continuamente em negar e mesmo ignorar essas diferentes forças sociais como sujeitos que forjam uma determinada história, sempre esquecida e nunca narrada oficialmente.

Os trabalhos aqui apresentados têm, dentro de sua grande diversidade, esta marca: a história de diferentes grupos, em diferentes momentos, narrada por diferentes autores/atores, trazendo diferentes concepções de diferentes objetos e temas *psi*.

Didaticamente divididos em seis partes, os 22 trabalhos tratam: 1) da formação do psicólogo, de sua história e de algumas de suas práticas, sob o título *Fábrica de interiores: montagens e desmontagens*; 2) da psiquiatria em nosso país, da história dos novos serviços em saúde mental, da participação de profissionais *psi*, de uma análise da loucura através de algumas práticas grupais e da interrogação de algumas práticas hoje em saúde mental, sob o título *A psiquiatria... isso se cura!*; 3) de práticas que, no Brasil, saem do campo da tradicional psicanálise como a Gestalt-Terapia, a terapia de família, chegando aos *Florais de Bach* e ao *Prozac*, sob o título *O pós-psicanalítico à pós-história da psicanálise*; 4) de um resgate da influência *psi* argentina em muitos de nós, como a história do Grupo Plataforma, dos “psicanalistas argentinos” no Rio de Janeiro e de algumas de suas histórias no Brasil e na Argentina, sob o título *Usted preguntará por qué cantamos*; 5) de temas vistos como violentos, suspeitos e mesmo perigosos como Os capoeiras, a violência na mídia e a AIDS, sob o título *Violência, suspeição e subjetividades*; 6) dos atravessamentos históricos que constituem e fazem parte de alguns estabelecimentos e territórios onde estão presentes práticas *psi*, como na análise vocacional, na escola e na rede pública de ensino, sob o título *A mobilidade social ao alcance de todos*.

Da forma como são trabalhados/analísados os diferentes temas, esses diferentes textos afirmam não só a historicização dos assuntos neles tratados, como também a sua politização, as implicações de seus autores com a realidade cotidiana de nosso país e com a desnaturalização de alguns mitos —a crença numa essência intrínseca aos objetos, sujeitos e saberes e na veracidade, universalidade, cientificidade, objetividade e neutralidade de nossas ações— que, ainda hoje, fazem parte do mundo *psi*. Esses diferentes “fazer e dizer” *psi* aqui presentes apostam/afirmam/proporcionam a desconstrução/desmonte desses mitos/crenças ainda sagrados entre muitos de nós.

Eles nos mostram que ao produzirmos/fortalecermos com nossas práticas —nossos “dizer e fazer”— os diferentes objetos, saberes e sujeitos que estão neste mundo, estamos sendo sujeitos/atores/protagonistas nos diferentes acontecimentos. Estamos fazendo História! É como Rosenbluth (*apud* MEIHY, 2000: 63), figura ligada ao movimento da História Oral, nos assegura: “Quando repartimos nossas histórias com os outros, celebramos nossa parte mais humana —ofertamos nossa história como presente”.

Não só pelas importantes e necessárias contribuições presentes nos trabalhos aqui reunidos, como também por sua excelente organização em interessantes temas, permito-me lançar mão de um poema de Drummond que penso se afirma e se atualiza nesta coletânea e, cujo título, *Mãos dadas* (1973: 55), me faz lembrar a parceria/aliança/cumplicidade dos três amigos/companheiros organizadores deste livro.

Não serei o poeta de um amigo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros. Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças. Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. Não serei o cantor de uma mulher,
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
Não fugirei para as ilhas, nem serei raptado por serafins, O tempo é a minha matéria.
O tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas — magia e técnicas, arte e política (ensaios sobre literatura e história da cultura)*, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MEIHY, J.C.S.B. *Manual de história oral*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.
- ANDRADE, C.D. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.